

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL-UFRGS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

Cristiane Model Mengue

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA INCLUSÃO DE ALUNOS  
CADEIRANTES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Três Cachoeiras, 2010

Cristiane Model Mengue

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA INCLUSÃO DE ALUNOS  
CADEIRANTES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de professor nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Professora Orientadora: Carla Beatriz Meinerz

Três Cachoeiras, 2010

*Dedico este trabalho especialmente ao meu esposo Ricardo,  
por compreender minha ausência,  
estando sempre vibrando e incentivando as minhas conquistas.  
Aos meus pais Mario e Elizete que me acompanharam  
desde o início deste curso, dando apoio  
em qualquer dificuldade, me ensinando a não desistir no meio do caminho.  
À minha irmã Elizandra, meu cunhado Alceu e afilhado João Pedro,  
e toda a minha família que me incentivou e acompanhou em todo este percurso,  
compreendendo muitas vezes a minha falta ao seu lado,  
mas que torceram incansavelmente para que eu chegasse até aqui.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, agradeço por me dar forças a não desistir.

Agradeço a professora orientadora Carla Beatriz Meinerz, que sempre esteve a meu dispor e através do seu conhecimento possibilitou a construção deste trabalho.

A professora Marcia que esteve presente durante este curso e não mediu esforços para contribuir na qualificação da minha pesquisa e no desenvolver desta monografia.

A secretaria do pólo Mariza Cardoso, que esteve sempre a qualquer hora a minha disposição, com materiais, livros, que favoreceram na melhoria da minha vida pessoal e profissional.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Ferrari, que esteve sempre a minha disposição, sendo de suma importância para a realização da pesquisa com informações riquíssimas para a realização deste trabalho.

Agradeço também aos demais que de uma forma ou de outra me auxiliaram e me ajudaram a chegar até aqui.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão e Graduação em Pedagogia foi desenvolvido sobre a questão da inclusão onde teve como título central "Os desafios e as possibilidades da inclusão de alunos cadeirantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental". Este baseia-se na inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais na Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Ferrari, escola esta que atuo numa turma de terceiro ano composta de um aluno cadeirante.

A questão escolhida foi bem significativa, pois trabalha um assunto muito pertinente e preocupante para todas as redes de ensino que se encontram ainda despreparadas fisicamente e pedagogicamente para trabalharem com estes alunos. Sem contar com os anseios de um professor para receber um aluno com tamanhas limitações, sejam elas físicas e/ou mentais.

Esta escola é composta aproximadamente por 200 alunos, sendo estes da educação infantil, séries iniciais e ensino fundamental. Dentre estes, um aluno portador de necessidades especiais, ou seja, cadeirante.

E foi a partir do convívio com este aluno que me interessei pelo assunto e passei a observar seu cotidiano, suas limitações, como também os preconceitos que enfrenta no seu dia a dia e o despreparo da escola para um melhor convívio deste com todos da instituição.

Para entender melhor o processo da inclusão, procurei então pesquisar as ferramentas necessárias para que esta acontecesse como *inclusão escolar e aspectos pedagógicos, integração e inclusão escolar, avaliação, aprendizagem e socialização*, bem como a realização de entrevista com pais, professores, diretores e orientadores da escola para verificar se esta está preparada e organizada para atender estes alunos que passarão a frequentá-la, e também, para saber quais foram as barreiras que os pais do aluno MVM enfrentaram ao solicitar a matrícula do mesmo nesta escola. Buscando assim ter uma relação mais próxima com todos da instituição como também conhecer todos os recursos que foram e ainda serão utilizados para a realização de um trabalho de qualidade tanto para a escola como para os alunos e comunidade escolar em geral.

Os aspectos abordados tanto pelos teóricos citados como pelas falas dos pais e professores forneceram informações para análise, sendo de suma importância para o desenvolvimento de um trabalho significativo com informações de qualidade.

Para fundamentar este trabalho, grandes teóricos se destacaram como Paulo Freire, Carneiro e Rosita Edler Carvalho, os quais forneceram subsídios sobre a integração e interação de alunos portadores de necessidades especiais, bem como muitas contribuições importantes para refletir sobre estes sujeitos em nossa sociedade.

Através das respostas dos professores na entrevista, é possível afirmar que as resistências sobre o assunto de inclusão estão relacionadas com a sociedade na qual estão inseridos, e que também apresentam de uma forma ou de outra certa exclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais. Exclusão esta muitas vezes social, psicológica e cultural aprendida na família.

**PALAVRAS-CHAVE:** necessidades especiais; inclusão; integração; socialização.

## ABSTRACT

This assignment for majoring Education was developed on the issue of the inclusion and had as title "What are the challenges and possibilities of including wheelchair students in the early years of Elementary School?" and it is based on inclusion of students with special needs at the Municipal Elementary School Fernando Ferrari.

The issue chosen was very significant because it works a very pertinent and troubling theme to all school systems, that are still physically and educationally unprepared to work with these students.

This school has nearly 200 students, divided by early education level to elementary school. Among them, there is one who has special needs, using a wheelchair.

And it was from socializing with this student that I became interested in this subject and I started to observe his daily life, his limitations, as well as the prejudices he faces in his daily life, and the lack of know how of the school for a better socializing with all of this institution.

To better understand the process of inclusion, I tried to find the necessary tools to make this happen as school enrollment and pedagogical aspects, integration and school enrollment, assessment, learning and socialization, and also conducting research with parents, teachers, principals and supervisors of the school where I work, to see if this school is prepared and organized to serve those students who will attend this school and also to inquire what the barriers that parents of students MVM faced when applying for registration on this school.

The issues brought by both theoretical and by statements of parents and teachers provided great information for analysis.

To support this work, great theorists like Paulo Freire, Carneiro and Rosita Edler Carvalho, stood up providing input on the integration and interaction of students with special needs as well as many important contributions to reflect on these subjects in our society.

Through the answers of teachers in the research, it is possible to affirm that such resistance on the issue of inclusion is related to the society to which they belong, that also present in one way or another to the exclusion of certain persons with disabilities.

Keywords: Special needs-Inclusion-Integration-Socialization-Analysis of research

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	08
1 INCLUSÃO ESCOLAR E ASPECTOS PEDAGOGICOS .....	10
1.1 Integração e inclusão escolar .....	11
2 METODOLOGIA DE PESQUISA .....	15
2.1 Análise dos dados Coletados .....	15
3 APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO DE ALUNOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS .....	19
3.1 Socialização .....	20
CONCLUSÃO .....	22
REFERÊNCIAS .....	23
ANEXOS .....	24

## INTRODUÇÃO

A questão da inclusão está se tornando um assunto cada vez mais polêmico e pertinente nas escolas de ensino regular.

Diante disto, a instituição de ensino precisa reavaliar sua prática pedagógica, organizando-a de acordo com cada necessidade de seus discentes, caminhando assim para uma escola inclusiva, que dá vez e voz a todos seus alunos independente de cor, raça, religião ou necessidade especial.

Esta dissertação tem o objetivo de encontrar respostas para a questão proposta: Quais os desafios e possibilidades da inclusão de alunos cadeirantes nos anos iniciais do ensino fundamental?

Para contribuir nesta pesquisa, foram selecionados alguns especialistas sobre o tema, entre eles foram Rosita Edler Carvalho, Moaci Alves Carneiro, Maria Teresa Égler Mantoan e o Mestre Paulo Freire.

A investigação central deste trabalho foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Ferrari, que é composta aproximadamente de 200 alunos nos níveis de educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental e séries finais do ensino fundamental. Dentre esses alunos citados a escola possui um aluno cadeirante.

E foi com base neste aluno integrante da minha turma de terceiro ano dos anos iniciais do ensino fundamental, que busquei entender e defender a questão da inclusão nas escolas regulares, bem como lutar juntamente com ele por seus direitos dentro desta instituição.

Este trabalho está organizado primeiramente com a introdução, que dá uma breve apresentação do corpo desta pesquisa, após encontra-se capítulos que nos levam a compreender a questão da inclusão escolar e seus aspectos pedagógicos.

Logo a seguir inicia uma questão muito importante e delicada denominada por integração e inclusão escolar, conceitos estes essenciais numa sala de aula, quando se refere especialmente a alunos portadores de necessidades especiais. Após, encontra-se a metodologia de pesquisa e a análise dos dados coletados que foram de suma

importância para o desenvolver deste trabalho, onde se pode conhecer os desafios enfrentados pelos pais ao matricular seu filho portador de necessidades especiais numa escola regular e do professor ao se deparar com uma nova organização pedagógica na sua sala de aula e na sua escola.

No último capítulo é apresentada a questão da avaliação, aprendizagem e socialização de alunos portadores de necessidades especiais, que estarão enumerados individualmente para uma melhor compreensão do leitor e também por ser um assunto riquíssimo de informações e importantíssimo tanto para o docente quanto ao discente.

Logo se encontra a conclusão deste trabalho, que com certeza não terá seu fim aqui, mas será apenas o primeiro passo para muitas outras descobertas e reflexões.

Após segue-se as referências bibliográficas, bem como os anexos que fazem parte de toda pesquisa desenvolvida.

## 1 INCLUSÃO ESCOLAR E ASPECTOS PEDAGOGICOS

A inclusão é um grande desafio, está cada vez mais próxima de nós e devemos nos preparar para convivermos com ela, pois esta já está presente no nosso cotidiano e agora cada vez mais nas nossas escolas em nossas salas de aula.

E como é direito de todo cidadão a igualdade e a dignidade, cabe também aos portadores de Necessidades Especiais frequentarem ambientes sociais públicos como qualquer outro ser humano, sendo de prioridade sua que estes estejam adaptados para atendê-lo segundo suas necessidades.

Como não poderia ser diferente segundo Mantoan (1991),

as instituições de ensino também entram nessas adaptações, pois a inclusão é uma inovação, cujo sentido tem sido distorcido e muito polemizado nos diferentes setores educacionais e sociais. Ou seja, inserir alunos com déficits no ensino regular nada mais é do que garantir o direito de todos a educação, e assim diz a Constituição (s/p, 1991).

A inclusão provoca indagações nas redes públicas de ensino, pois esta exigira uma mudança radical na prática e na qualidade do ensino, pois a inclusão tem como prioridade um ensino que seja para todos e de qualidade, buscando modernizações e que os professores melhorem e aperfeiçoem as suas praticas pedagógicas.

O objetivo da inclusão de alunos com Necessidades Especiais segundo Mantoan(1991),

é uma melhor adequação das práticas pedagógicas a diversidade de aprendizes. E só se poderá atingir esse sucesso, quando a escola regular assumir seu verdadeiro papel, sem cair nas teias da educação especial e suas modalidades de exclusão.(s/p,1991).

Infelizmente o que ainda se vê nas escolas são meros projetos de inclusão parcial, onde não exigem mudanças na base educacional, continuando a atender seus alunos com deficiência em espaços escolares privativos como salas de recursos, escolas especiais etc. Muitas vezes as instituições justificam o seu não atendimento a alunos com deficiência em turmas regulares pelo motivo de seus docentes não estarem

preparados o suficiente para trabalhar com os mesmos e julgarem estes alunos incapazes de conseguirem acompanhar os outros ditos “normais” e sendo assim se sentirão ainda mais marginalizados e discriminados, muito mais do que se estivessem em classes especiais.

Segundo Carneiro (2007, p. 125) temos a nossa Constituição Federal que elegeu como fundamentos da República a cidadania e a dignidade da pessoa humana (art.1º, inc. II e III) e, como um dos seus objetivos fundamentais, a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (art.3º, inc.IV).(2007,p.125)

### **1.1 Integração e inclusão escolar**

Existem contradições nas instituições de ensino sobre integração e inclusão, onde muitas vezes utilizam ou realizam projetos visando à inclusão, mas somente propiciam uma integração entre os discentes. É necessária uma evolução na interpretação das normas de integração e inclusão, pois o que se percebe é a pessoa com deficiência que tem de se adaptar à organização da sociedade, e não a sociedade que deve planejar e criar condições para evitar a exclusão.

Segundo Carneiro (2007, p. 146)

é importante ressaltar que não existem receitas prontas para atender a cada necessidade educacional de alunos com deficiência que a natureza é capaz de produzir. Existem milhares de crianças e adolescentes cujas necessidades são quase únicas no mundo todo. E espera-se que a escola, ao abrir as portas para tais alunos, informe-se e oriente-se com profissionais da Educação e da Saúde sobre as especificidades e instrumentos adequados para que aquele aluno encontre ali um ambiente adequado, sem discriminações e que lhe proporcione o maior e melhor aprendizado possível.(2007,p.146)

Segundo Carvalho (2004, p. 78)

pode-se afirmar que o mundo atual caracteriza-se por “vertigens pós modernas”, devido a enorme velocidade com que ocorrem as mudanças no nosso dia a dia, especialmente as decorrentes dos avanços da ciência e da tecnologia colocando a serviço do homem recursos e possibilidades até então considerados utópicos. Vivemos num mundo em que o processo de

globalização se concretiza, predominantemente, pela mundialização da economia. Isso tem provocado competição e mais desigualdades entre os povos e no interior dos países em desenvolvimento, levando-os a conviverem com índices inaceitáveis de injustiça social.(2004,p.78)

Realmente é o que se percebe no nosso cotidiano, pessoas independentes se forem portadoras de necessidades especiais ou não tem de se adaptar ao que a sociedade lhes oferece, e em momento algum é obedecida a lei ou o que seu direito determina, como se esses nem existissem ou tivessem importância

"Todas as crianças, jovens e adultos, em sua condição de seres humanos, têm direito de beneficiar-se de uma educação que satisfaça as suas necessidades básicas de aprendizagem, na acepção mais nobre e mais plena do termo, uma educação que signifique aprender e assimilar conhecimentos, aprender a fazer, a conviver e a ser. Uma educação orientada a explorar os talentos e capacidades de cada pessoa e a desenvolver a personalidade do educando, com o objetivo de que melhore sua vida e transforme a sociedade. (Marco de Ação de Dakar, abril de 2000).

Com base nestes teóricos reflito sobre o meu objetivo principal para com meus alunos que é desenvolver neles o senso crítico, respeitando suas limitações e fazendo uso dos conhecimentos que cada um provém. Pois é nestes que reflete toda a ação do professor, pois este é o espelho principal do aluno, e como sabemos, toda ação sempre terá uma reação.

Durante toda a minha prática pedagógica, apesar de pouca experiência como professora, sempre defendi a educação Inclusiva, e neste ano, recebi um aluno cadeirante e percebo o quanto muitos professores, alunos, e a escola em si ainda têm discriminação e resistência de conviver com este aluno que apresenta algumas limitações.

Não é uma tarefa fácil, de quebrar este preconceito e de trabalhar com um aluno deficiente, pois exige elaboração de atividades que integrem o mesmo.

Outro ponto também preocupante é o despreparo de uma instituição de ensino para receber um aluno cadeirante, como é o caso da escola onde atuo, começando pela sala de aula, que é muito pequena (sendo que fomos colocados na menor sala da escola), não há uma pessoa responsável para trocar suas fraldas e esta tarefa fica a encargo da

professora; as rampas são muito altas, ele não consegue entrar nos ambientes sozinho, as pias e o bebedouro são altos, ele não consegue alcançar e, quando está com sede é preciso que alguém lhe busque água.

Bom, acredito que é direito de toda criança poder frequentar uma escola regular, mas a escola tem que se adaptar às limitações do aluno e não o aluno se adaptar com o desrespeito e desigualdade da escola, sendo este um dos pontos que me angustia muito.

Diante desta tarefa como professora, me preocupei em fazer com que este aluno se sentisse bem acolhido na sala de aula bem como por toda a escola. Então busquei na minha prática de estágio planejar atividades que levassem os alunos a refletirem sobre as limitações bem como as habilidades que este possui, proporcionando atividades em grupos com construção de cartazes, conceitos, histórias colaborativas entre outros.

Para me auxiliar no desenvolvimento deste trabalho, que não foi nada fácil, busquei o auxílio do teórico Paulo Freire que sempre defendeu muito bem a idéia de interação, trabalhos em grupos, como também a construção da aprendizagem a partir do cotidiano e de suas vivências, onde para este a aprendizagem acontece a partir do convívio com o outro, dos acontecimentos em seu cotidiano, das trocas etc.

O que é preocupante também é o lado afetivo de uma criança portadora de necessidades especiais que é muito visível, onde necessita ser sempre o primeiro em qualquer atividade como copiar falas, desenhos e atitudes, ou então ficar descendo da cadeira para pegar os materiais dos outros colegas, querendo estar a todo o momento chamando a atenção de todos. Eu como professora que acompanha mais de perto este aluno entendo suas atitudes, onde muitas vezes aceito e converso, mas percebo que muitos profissionais da instituição onde este aluno está inserido demonstram muita resistência com o mesmo, muitas vezes denominando-o de "chatinho", por reivindicar por seus direitos como qualquer outro aluno independente de qualquer limitação.

Infelizmente a escola ainda se organiza a espera daquele aluno ideal, padrão, sem limitações, o aluno idealizado, e assim todos deverão aprender da mesma forma, independente de qualquer dificuldade. Assim percebe-se que a garantia de alunos portadores de necessidades especiais poderem frequentar uma escola regular nem sempre é a garantia de poderem ter uma educação de qualidade que satisfaça seus

anseios, dificuldades e curiosidades, onde muitas vezes este aluno fica rotulado como "fraco", "incapaz", ou se torna mais um participante da evasão escolar.

O que se pretende é que todos tenham uma educação de qualidade, com acréscimos significativos no seu lado afetivo, cognitivo como também no seu desempenho escolar, que só se tornará possível se houver respeito, valorização das diferenças e acima de tudo que a prática pedagógica se torne menos discriminatória e coerente com os ideais da educação inclusiva.

Segundo Carvalho (2004, p. 29)

As escolas inclusivas são escolas para todos, implicando um sistema educacional que reconheça e atenda as diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer aluno. Sob essa ótica, não apenas portadores de deficiência seriam ajudados e sim todos os alunos que por inúmeras causas, endógenas ou exógenas, temporárias ou permanentes, apresentem dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento. (2004, p. 29)

Mas segundo Carneiro (2007, p. 29-30)

precisamos descontaminar nossos conceitos de inclusão, educação inclusiva e escola inclusiva, onde explica claramente cada um deles:

Inclusão: Movimento da sociedade (sociedade inclusiva) voltado para produzir igualdade de oportunidades para todos.

Educação Inclusiva: Conjunto de processos educacionais decorrente da execução de políticas articuladas impeditivas de qualquer forma de segregação e de isolamento. Sob o ponto de vista prático, a educação inclusiva garante a qualquer criança o acesso ao Ensino Fundamental, nível de escolaridade obrigatório a todo cidadão brasileiro.

Escola Inclusiva: Instituição de ensino regular aberta a matrícula de todos os alunos indistintamente, com a responsabilidade de objetivar processos de aprendizagem de acordo com as particularidades de cada aluno. (2007, p. 29-30)

## **2 METODOLOGIA DE PESQUISA**

Vimos que a teoria defende com grandes argumentos a importância da inclusão de alunos portadores de necessidades especiais em escolas regulares, e agora partirei para o nosso cotidiano para verificar se as escolas estão realmente preparadas para esta inclusão bem como seus profissionais docentes e quais foram as barreiras que os pais tiveram de enfrentar ao solicitar a matrícula numa escola regular. Então realizei uma entrevista que se encontra no anexo1 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Ferrari onde entreguei a pesquisa para a direção, professores e também a mãe do meu aluno cadeirante que é aluna da nossa escola, onde as questões irão abordar sobre os desafios que os pais enfrentaram ao solicitar a matrícula na escola regular, se sofreram alguma discriminação por parte da direção da escola ou por professores. Também irei abordar nesta pesquisa questões relacionadas à organização da instituição escolar para receber alunos portadores de NE, bem como a organização pedagógica e curricular que envolve também as práticas dos docentes e o que a escola espera desta nova "idéia" para as escolas regulares e se esse é um passo importante para as mesmas.(Autorização em anexo2).

Esta pesquisa terá um grandioso objetivo, que será conhecer quais são as concepções dos pais, professores, orientadores sobre esta questão tão polêmica: a inclusão.

### **2.1 Análise dos dados coletados**

Analisando as respostas da pesquisa aplicada com os professores, direção escolar e pais, pode-se perceber que a escola tem conhecimento do seu devido dever em relação à inclusão de alunos com Necessidades Especiais, mas ainda estão deixando a desejar quanto a sua organização curricular e pedagógica, onde sempre estão com os mesmos argumentos, como relatou a coordenadora pedagógica:

Acho importante a inclusão de alunos portadores de NE, pois como diz a Constituição Federal, a educação é para todos independente de classe, cor, raça ou deficiência. Porém, ao contrário do que pensamos, nós é que temos de nos adaptar a eles e não eles a nós, ou melhor, ao ambiente, ou seja, o ambiente da escola deve estar preparado para receber estes alunos,mas não só o ambiente como também nós professores, para isso temos que estar preparados com cursos e também recursos.

E em relação à formação dos professores, penso que não estão preparados, se formos analisar em sentido de formação ou especialização para tal. Vejo que são poucos os que têm.

Mas na realidade não é isto o que se vê no cotidiano desta escola, as regras e os direitos não são para todos.

Segundo Coll (2004) o objetivo principal não pode ser simplesmente que os alunos se adaptem ao funcionamento habitual da escola. (p.138,2004).

Infelizmente o que se percebe nas escolas independente de se ter nas salas de aula alunos portadores de NE ou não, é uma grande falta de expectativa dos professores para com seus alunos, considerando-os como incapazes de aprender determinado conteúdo. Claro que é um grande desafio para o professor assumir uma sala de aula composta de diversas culturas, etnias, religiões etc. e saber trabalhar de uma forma diversificada que atenda todas estas demandas, ainda mais quando se trata de ter em sala de aula alunos portadores de NE, que exigem ainda mais a dedicação, espontaneidade e paciência do seu professor.

Como relatou na pesquisa a coordenação pedagógica, que segundo suas concepções os professores não se encontram preparados pedagogicamente e psicologicamente para trabalhar com alunos especiais, não discordo da sua idéia, mas acredito que para um professor se sentir preparado precisa primeiramente que a escola dê o seu passo inicial, fornecendo subsídios necessários para os professores, trabalhando junto com estes na organização de uma prática pedagógica que traga pontos positivos para alunos e professores, onde os objetivos sejam alcançados, com expectativas positivas, criando assim um clima de convívio bem aceito e com práticas que envolvam os alunos e motivem a sua participação na tarefa do aprender.

E como é na escola que a criança passa a maior parte do seu tempo é dever da instituição exercitar as aprendizagens e favorecer na construção da sua autonomia criando em si o domínio de autodeterminação, mostrando que são capazes de crescerem cada vez mais, que possuem muita inteligência para desfrutar. O importante é que toda

iniciativa do professor se detenha da realidade dos interesses e das experiências desta criança, e que todo conteúdo a ser trabalhado esteja adaptado às suas condições físicas e compreensiva, pois a partir do momento que o professor tenha em mãos um currículo acessível a todos os alunos, ele estará juntamente com a escola elaborando projetos, realizando avaliações com a participação dos pais em busca de um trabalho concreto e de uma escola integradora.

E para que o trabalho dentro de uma escola tenha objetivos satisfatórios é preciso que a relação entre professor e aluno seja de grande valia, onde tenha compreensão do que se está trabalhando.

Segundo Coll (2004) com relação ao aluno é preciso que o professor leve em consideração três fatores envolvidos no processo de ensino aprendizagem que são os conhecimentos prévios, a atividade mental construtiva e a motivação para aprender. (p.46,2004).

Como relata Coll, a partir do momento que o professor conhecer todos os fatores que norteiam sua prática pedagógica, o processo de aprendizagem acontecerá de uma maneira mais prazerosa e significativa.

Segundo Santos (2009) a prática da inclusão social com a educação especial se baseia em princípios diferentes: a aceitação das diferenças individuais, valorizando cada pessoa e sua convivência. Incluir nesse sentido significa então modificar a sociedade como fator importante para a pessoa com NE buscar seu desenvolvimento e exercer sua cidadania.

O importante também além do que relata Santos é que a partir do momento que a escola realmente abrir as portas para atender os alunos portadores de NE, ela estará preparada para trabalhar com as dificuldades de qualquer aluno independente de qual for seu grau de limitação, estando assim também reconhecendo suas diferenças, e caminhando para uma escola inclusiva, onde todos se sentem aceitos, independente de qualquer limitação ou deficiência, estando assim bem longe de um processo que acabaria por excluir estes alunos dentro da própria instituição de ensino.

Como coloca Santos, a escola precisa aceitar estas diferenças individuais destes alunos independente de ser portador de NE ou não, e esta foi uma barreira encontrada pela mãe entrevistada onde ela relata que seu maior obstáculo foi ao ir matricular seu filho na instituição de ensino que citei no início deste trabalho, a não aceitação da

matrícula do mesmo tentando convencê-la de levá-lo a uma instituição mais especializada e bem mais preparada para trabalhar melhor com sua limitação, que no caso seria o encaminhamento para a APAE, sendo que este aluno já freqüentava a mesma com tratamentos de fisioterapia, fonoaudióloga, psicóloga, onde continua até hoje e também tinha acompanhamentos na AACD na qual freqüentou até os seus cinco anos com aulas de fisioterapia e graças a isso hoje com nove anos já apresenta grandes movimentos com as pernas, sendo que sua deficiência foi descoberta aos oito meses de gestação devido a falta de vitaminas importantes para o seu desenvolvimento e crescimento dos ossos. Segundo informações de especialistas, com fisioterapias mais frequentes e algumas cirurgias nos pés, ele poderá andar.

Analisando a resposta da coordenadora pedagógica, pode-se ver que há um conhecimento sobre os deveres da escola, mas o que acontece é o contrário do que ela relata, onde o aluno MVM está em adaptação com a escola e não a escola se adaptando a ele, o que para mim é um fator muito preocupante tanto para a instituição como para o aluno, onde ele mesmo percebe que tudo se torna mais difícil quando quer fazer alguma coisa sozinho como por exemplo, ir tomar água.

O que para mim e para sua mãe se tornou uma grande angústia é ver que a escola não se preocupa com este aluno, pois ele não entrou nesta escola agora, sua matrícula foi realizada para o pré- escolar e agora ele já esta no terceiro ano, tempo suficiente para realizar tal organização.

Segundo sua mãe, agora está mais tranquilo conviver nesta instituição, onde a relação com o seu filho melhorou muito, e a solicitação de fazer a matrícula na APAE foi por uma diretora que não se encontra mais nesta escola, e só o que precisa melhorar é adequar a estrutura da escola para o MVM.

Este problema de não aceitação também é muito visível e pertinente nos alunos, não só em sala de aula, mas com os da escola inteira, pois não deixam o aluno cadeirante participar de jogos de ping-pong, futebol de mesa, entre outros que não impedem a sua participação, pois sua deficiência é somente nas pernas. E estes comportamentos de exclusão dos alunos não existem somente pela sua limitação, mas por sua diferença, por não poder correr, pular, chutar bola como todos outros da escola, sendo que é somente ele portador de NE.

Este trabalho de inclusão e aceitação é muito difícil e exige muita dedicação e esforço, pois os alunos por menores que sejam já apresentam muita resistência com o dito "diferente" como é o caso da minha turma como citei no meu relatório e no meu wiki de estágio, sempre procurei trabalhar de forma inclusiva, realizando horas do conto com historinhas que falassem de um personagem que parecia ser diferente, mas não por que tinha limitações, mas sabia e podia fazer tudo o que quisesse entre os outros... Com o objetivo de levá-los a refletir sobre a importância do colega cadeirante em nossa sala de aula, o quanto podemos aprender com ele etc. Os comportamentos foram mudando aos poucos, agora a aceitação é um pouco maior em relação à antes, mas o trabalho continua e ainda existe barreira de alguns alunos com o mesmo.

É preocupante observar que muitos pais também apresentam resistência com este aluno, e isto é muito visível quando a escola realiza algum evento que solicita a participação de todos, onde muitas vezes fui questionada sobre como consigo dar aula com um aluno cadeirante. "Ele é muito manhoso, eu não teria paciência como você! Ele deveria estar numa escola apropriada a ele onde tivesse alunos como ele para que não se sentisse diferente..." Estes comentários me deixaram muito angustiada, pois sabia que não era necessário que o aluno estivesse em outra escola, e que ele não era diferente, e foi nesses comportamentos dos pais onde percebi que a discriminação dos alunos já vem de casa, comportamentos estes que são passados de pai para filho.

Santos (2009) nos mostra que a transformação mais difícil é da mentalidade de docentes e pais de alunos, que acreditam que as escolas especiais são a solução educativa ideal para pessoas com deficiências.

Segundo Maciel (2000) hoje, no Brasil, milhares de pessoas com algum tipo de deficiência estão sendo discriminadas nas comunidades em que vivem ou sendo excluídas do mercado de trabalho. O processo de exclusão social de pessoas com deficiência ou alguma necessidade especial é tão antigo quanto a socialização do homem.

A estrutura das sociedades, desde os seus primórdios, sempre inabilitou os portadores de deficiência, marginalizando-os e privando-os de liberdade. Essas pessoas sem respeito, sem atendimento, sem direitos, sempre foram alvo de atitudes preconceituosas e ações impiedosas.

O nascimento de um bebê com deficiência ou o aparecimento de qualquer necessidade especial em algum membro da família altera consideravelmente a rotina no lar. Os pais logo se perguntam: por quê? De quem é a culpa? Como agirei daqui para frente? Como será o futuro de meu filho?

O imaginário, então, toma conta das atitudes desses pais ou responsáveis e a dinâmica familiar fica fragilizada. Imediatamente instalam-se a insegurança, o complexo de culpa, o medo do futuro, a rejeição e a revolta, uma vez que esses pais percebem que, a partir da deficiência instalada, terão um longo e tortuoso caminho de combate à discriminação e ao isolamento (MACIEL, 2000, P. 01-02).

Diante deste relato, pude perceber que a mãe do aluno cadeirante apresentou até o momento para mim que tenho mais contato com ela, o contrário do que Maria Maciel citou acima, onde ela apresenta muita determinação, luta pelos direitos do seu filho na escola, cobra dos colegas que aceitem o seu filho com suas qualidades e defeitos, também é bem sincera com o seu filho, onde expõe para ele sua realidade, e sendo assim não aceita como mãe que seu filho seja sempre o primeiro em tudo por causa da sua deficiência, buscando tirar proveito da mesma.

Segundo Coll (p.139, 2004) a participação dos pais no funcionamento da escola é particularmente importante quando há problemas sociais ou familiares, contudo, essa razão dificulta as relações entre a escola e a família. Os pais se sentem inseguros ou distantes da educação de seus filhos. (p.139,2004).

Como relata Coll, o acompanhamento dos pais na educação dos seus filhos, bem como nas reações que estes estão demonstrando em sala de aula e na escola em geral é de suma importância, pois podem estar apresentando problemas afetivos e sociais que muitas vezes não são percebidos no convívio em casa.

Com base nestes dados, sempre procurei na minha prática pedagógica manter os pais informados de qualquer comportamento "diferente" do aluno, onde os chamava na escola, mandava bilhetes informando sobre o que foi observado ou até mesmo conversava com este aluno buscando detectar o problema que estava mudando o seu comportamento com os colegas, professores e a escola em si.

Esta preocupação para mim sobre o comportamento do aluno se torna mais preocupante quando se trata de um aluno portador de NE estar apresentando resistência

em ter contato com o outro colega, buscando ficar sozinho, sem querer conversar e participar das atividades em sala de aula.

Comportamento este presenciado uma vez no aluno MVM, que estava pensativo, desanimado, quieto, onde foi necessária uma conversa separada para detectar e ajudá-lo a resolver este "problema" que tanto estava lhe abalando e atrapalhando seu rendimento escolar que sempre foi bom. Então, depois de conversarmos compreendi que o seu desânimo era pelo motivo de um aluno ter falado que ele era bebezinho por que usava fraldas e também por não ter ganhado um brinquedo que ele tinha visto na vitrine de uma loja, por ser muito caro e a sua mãe não tinha dinheiro para o mesmo. Diante disto, busquei mostrar a ele que a sua mãe não fez por mal, que realmente o brinquedo estava caro e que quando ela tivesse dinheiro compraria um brinquedo bem legal para ele.

Depois desta conversa o aluno MVM se mostrou mais animado, realizou os trabalhos em sala de aula e ficou mais participativo. Conversei com a mãe do mesmo, lhe expliquei o que seu filho tinha falado, e pedi a ela que conversasse com ele também e colocasse a situação, buscando mostrar que nem tudo o que se quer se pode ter e também dispor de mais tempo para conversas em sua casa, sendo este um fator muito importante em qualquer família.

Com a turma continuei a realizar trabalhos de interação, aceitação, onde li especialmente para eles uma historinha bem legal chamada O elefantinho Diferente que não é Diferente, onde os alunos tiveram muitas expectativas sobre o que poderia falar esta história, como era o elefante, o que ele poderia ter, entre outros. Depois de ter lido e trabalhado a história os alunos compreenderam que apesar deste elefante usar fraldinhas, ele podia fazer coisas iguais aos outros elefantes do seu circo e ter uma vida normal e ser muito feliz com seus amigos e com sua família. Sempre dei prioridade em trabalhar a questão dos valores, por perceber que este aluno cadeirante precisa ser mais bem entendido e aceito não só pelos colegas, mas por todos que compõem esta escola, e também por sua mãe me procurar várias vezes para falar de certos comportamentos que o seu filho apresentou e também por atitudes que outros tiveram com o mesmo.

Entendo a preocupação desta mãe, pois ninguém quer ver seu filho sendo discriminado, apesar dela saber que o MVM não é uma criança fácil, é bem agitado, gosta de mexer com os colegas bem como com os materiais destes onde muitas vezes os pega e leva para casa sem autorização minha e até mesmo do colega.

É importante perceber nestes pais que por mais difícil que seja sua tarefa frente a seu filho eles não desanimam, estão sempre presentes, reivindicando pelos direitos do MVM na escola, não dando importância se por algum motivo alguém lhe olhar de cima com ar de autoridade, ou lhe propor uma condição como esta mãe relatou na entrevista de matricular esta criança numa APAE. Claro que não é desvalorizar o serviço que as APAEs fornecem em nosso município, pois o aluno MVM frequenta a mesma para atendimento com a psicóloga, nutricionista, fonoaudióloga e até mesmo com a fisioterapeuta, que trabalha muito bem com a sua coordenação, onde ele consegue mexer com suas pernas, levantando-as, colocando para um lado e para outro etc. Mas como é direito de toda criança frequentar uma escola regular, o aluno MVM também pode estar inserido na mesma, e assim insistiu a mãe até que ela fosse atendida.

### **3 APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO**

A questão da avaliação é interessante, pois leva os educadores a pensar, organizar, planejar e atuar buscando alternativas para uma melhor prática avaliativa que considere as diferenças dos educandos, sejam elas físicas ou pessoais, e não apenas para detectar o que aprenderam enquanto frequentaram a sala de aula.

A avaliação deve ser um instrumento que auxilie a inclusão de todos os docentes no ambiente escolar, é importante conhecer as regras, práticas pedagógicas, bem como as suas relações e inter-relações ali existentes.

É importante também que o professor, além de avaliar, forneça subsídios que favoreçam o aprendizado do aluno, independente de ser portador de necessidades especiais ou não, evitando assim a exclusão destes alunos especiais. E com base nestes princípios que busquei avaliar os alunos, todos iguais, observando qualquer avanço como raciocínio, interesse etc. E isso foi o que observei também no aluno MVM, que apresentou um grande avanço do início do ano até agora, onde sua leitura, escrita, raciocínio estão bem mais desenvolvidos, com atividades de pesquisa, leituras orais e escritas, trabalhos em grupos etc.

Segundo Hoffman (2005, s/p)

o atendimento desses alunos em classe comum pode representar sua exclusão sempre que a avaliação uma entre as variáveis que interferem no seu processo de escolarização, não for usada para promover a aprendizagem a partir das condições próprias de cada aluno.(2005,s/p.)

Para assegurar a escolarização dos alunos portadores de necessidades especiais se faz necessária uma avaliação inicial e processual da sua aprendizagem antes de o professor rotular este aluno como o incapaz e com déficit de aprendizagem.

Diante disto Vasconcellos (2005, p. 54-77) relata

mudar o paradigma da avaliação não significa ficar em dúvida se devo reprovar ou dar uma empurradinha, qualquer uma dessas posturas é excludente, pois é preciso descobrir as condições de aprendizagem de cada aluno, e, além disso, não parar para atender ao aluno e suas necessidades é um autêntico suicídio pedagógico.(2005,p.54-77)

É importante ressaltar que o professor forneça materiais suficientes para o aluno, sempre que este demonstre dificuldade no desenvolver da atividade, pois a aprendizagem é construída dia a dia e esta não é responsabilidade somente do aluno, pois a construção do conhecimento se dá num trabalho em conjunto do professor e aluno.

### **3.1 Socialização**

É importante que a socialização dos alunos aconteça desde o primeiro dia de aula, principalmente com a presença de alunos com necessidades especiais, buscando observar a reação dos outros alunos com os mesmos. O professor deve proporcionar atividades que levem os alunos a se conhecer e a conhecer o outro que faz parte da sua turma. Para que haja uma aceitação de todos, o professor deve trabalhar com histórias infantis que desenvolvam a reflexão sobre a diferença, a importância ou até mesmo a igualdade do outro, buscando assim um trabalho em conjunto sem exclusão e discriminação, mostrando que apesar das diferenças e limitações, este aluno também pode aprender e participar das atividades como todos, desde que estas estejam apropriadas para o mesmo.

E este foi um desafio para mim neste ano, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Ferrari, onde recebi o aluno MVM que é cadeirante. Foi necessário, apesar de ele estar frequentando esta escola desde o pré- escolar realizar atividades de integração e socialização, pois as crianças ainda apresentavam resistência em interagir com o mesmo. A minha preocupação maior sempre foi fazer com que este aluno se sentisse bem acolhido, integrante desta turma e desta escola como citei na minha arquitetura pedagógica, onde em todos os tópicos este aluno está inserido.

Busquei então oferecer trabalhos em grupos, vídeos, histórias que levassem os alunos a refletirem sobre a importância deste colega na nossa sala de aula, bem como também na nossa escola.

Um fator importante é que o professor busque observar ao longo do seu trabalho, os comportamentos que este aluno apresenta, onde se faz muitas vezes necessário a mudança da forma de agir do professor com este aluno. Este comportamento pode mostrar muitos sentimentos que gostaria de ter em sala de aula com o professor e com os colegas, e não o pode receber na sua casa.

Então pude observar neste aluno cadeirante comportamentos que não eram vistos antes, onde tomei a atitude de ficar responsável pelas trocas das suas fraldas, e neste momento no fraldário aproveitávamos para conversar sobre as suas curiosidades, ou tirar dúvida etc., buscando deixá-lo livre para falar o que quisesse.

E foi nestas conversas que percebi o quanto este aluno era carente e necessitava de alguém mais próximo de si que o entendesse e o escutasse.

A sua mudança na sala de aula passou a ser visível, e sempre que nós saíamos da sala explicava para os alunos o motivo de estarmos indo ao fraldário, e por que eu estava realizando esta tarefa. Os alunos concordavam com esta atitude e o convívio se tornou mais tranquilo e satisfatório para ambos.

Então para que este processo de interação e socialização aconteça é imprescindível que o professor reconheça que um aluno especial também tem a necessidade de ter uma vida saudável, de viver e conviver, aprender, interagir e ser feliz apesar dessa interação muitas vezes acontecer por outros caminhos ou estratégias diferentes.

## CONCLUSÃO

Pode-se a partir deste trabalho, refletir sobre os desafios e possibilidades da inclusão de alunos cadeirantes nos anos iniciais do ensino fundamental e também conhecer os desafios dos mesmos no seu cotidiano escolar.

A questão foi bastante investigatória, pois exigiu também uma adequação da estrutura pedagógica escolar que envolveu instituição, professores bem como todos pertencentes a esta.

Essa adequação também foi vivenciada por mim que sou professora do aluno MVM (cadeirante), tarefa essa horas difíceis, horas satisfatórias, pois nós professores temos de ter jogo de cintura para contornar situações discriminatórias, trabalhando diariamente com textos, atividades interativas, que visem à importância do outro independente de ser especial ou não (apesar de serem alunos pequenos já possuem reações de discriminação). Digo também satisfatórios, por ver no meu aluno cadeirante atitudes de querer estar próximo da sua professora, chamando sua atenção em busca de carinho e afeto, e como atitude de uma professora que também é humana, passei a ser responsável pelas trocas das suas fraldas, que foram de suma importância para este aluno, onde se sentiu mais valorizado, respeitado, aumentando assim os laços afetivos entre nós.

A partir deste trabalho de conclusão pude perceber que todos os tópicos pesquisados estiveram presentes na nossa sala de aula e que são de suma importância para todos e ainda mais para este aluno que se sente “diferente” de todos os outros. A questão da socialização foi e ainda continua sendo uma tarefa bem difícil, pois precisa que todos entendam e aceitem o aluno MVM como ele é, com suas qualidades e seus defeitos. A avaliação era uma tarefa que me preocupava muito, pois não sabia como poderia avaliá-lo, o que ele iria me apresentar de significativo, mas com o convívio em sala de aula percebi que não precisa ser uma avaliação diferenciada, pois ele muitas vezes apresenta avanços muito melhores que os outros alunos, o que me deixa muito mais tranquila e feliz.

E com isso pude perceber que os outros professores desta instituição ainda apresentam certa discriminação com este aluno, onde evitam se relacionar com o mesmo. E o que mais me angustiou foi a atitude da professora do 4º ano, que será professora dele no ano que vem me pedir para reprová-lo, pois não o quer na sua sala de aula como aluno, como também não irá trocar suas fraldas e muito menos tocá-lo em momento algum, apresentando assim uma grande discriminação.

Os autores estudados proporcionaram uma ótima reflexão sobre a questão central deste trabalho, mas que não irão ficar somente nestes tópicos, pois continuam a nos possibilitar maior aprofundamento, pesquisas, sendo este um tema pertinente que faz parte do nosso contexto profissional e pessoal.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Moaci Alves. *O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns: Possibilidades e Limitações*. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARVALHO, Rosita Edler. *Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

EIDELWEIN, Monica Pagel. *Concepção dos professores dos anos finais do ensino fundamental sobre o aluno com necessidades educacionais especiais e sua inclusão na escola comum*. Dissertação de Pós - Graduação UFRGS, Porto Alegre, 2006.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliar para Promover: As Setas do Caminho*, Porto Alegre: Mediação, 2005.

MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. *A questão da Inclusão Social*. São Paulo: Perspec. v.14 n.2. Apr/Jun 2000.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. *Avaliação da Aprendizagem. Práticas de Mudanças: Por uma Práxis Transformadora*, 7. ed., São Paulo: Libertad, 2005.

[Http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br](http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br)

## **ANEXOS**

## **ANEXO 1**

### **ENTREVISTA PARA PROFESSORES E INSTITUIÇÃO DE ENSINO**

**\*O que você acha da inclusão de alunos portadores de necessidades especiais nas redes regulares de ensino?**

**\*Os professores bem como a instituição de ensino estão preparados pedagogicamente para recebê-los?**

**\*Quais foram as mudanças necessárias na escola?**

### **ENTREVISTA COM A MÃE DO ALUNO CADEIRANTE**

**\*Quais foram os obstáculos encontrados ao solicitar a matrícula do seu filho?**

**\*Em algum momento você sofreu discriminação por parte da escola com o seu filho?**

**\*Você teve resposta de imediato da matrícula ou precisou de avaliação da escola em geral para a matrícula do mesmo?**

## Anexo 2

### Autorização

Eu \_\_\_\_\_ autorizo a aluna Cristiane Model Mengue do Curso de Graduação em Pedagogia-UFRGS a publicar em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a pesquisa realizada onde tem como título central Desafios e Possibilidades da Inclusão de Alunos Cadeirantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Três Cachoeiras, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010.

---

ASSINATURA